

“Eu morria de saudade de ver as quaresmeiras”

No dia 13 de abril passado, após o expediente de trabalho, um nisei, mais de documento do que de semblante, pai de família, 49 anos, administrador de empresas, morador do Bairro Campo Limpo da cidade de São Paulo, ao invés de retornar para sua casa dirigiu-se à redação de Travessia. Finalidade, uma entrevista. Mordomia nossa? Muito mais gentileza dele.

Eram por volta das 19 horas quando começamos o papo; surpresa foi quando olhamos para o relógio: quase meia-noite! É verdade que ele se havia acostumado a fazer muitas horas extras no Japão, mas foi preciso interrompê-lo. Não fosse a distância da residência, o gravador rodaria por muito mais tempo. Foram momentos de escuta, sorvidos pelo Sidney e eu, em que o tempo transcorria imperceptível.

Sérgio Kamada, este o seu nome, que já havia matado a saudade das quaresmeiras - na confissão que nos fez, segundo suas próprias palavras - não conseguiu driblar a emoção ao reviver sua experiência de migrante retornado.

Infelizmente, por motivos de espaço, não foi possível transcrever toda a conversa. A tarefa mais difícil, de proceder a uma seleção, foi delegada ao Dornelas, e a entrevista ganhou forma de fala.

Na fala: Sérgio Kamada

Na escuta: Sidney Silva e Dirceu Cutti

A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA

Eu sou filho de Yochitaro Kamada e meu pai nasceu aos 06/06/1899, no Japão. Quando completou por volta de 20 anos de idade, durante o período do recenseamento do arroz, ele foi um dos voluntários a deixar o país, por solicitação do imperador, e tomou o navio pra vir pro Brasil.

(...)

Fizeram uma estimativa de que o arroz não daria para todos, na ocasião, e muitos teriam que deixar o país para o próprio bem dos que permaneceriam. Meu pai era violinista e tinha uma vida muita boa mas decidi, não sei muito bem porque, ser um dos voluntários e embarcou no navio e veio desembarcar aqui no Brasil. Inicialmente ele ficou na região de Sorocaba onde trabalhou, como todos os japoneses, na terra, como lavrador.

Como todo japonês, meu pai também mudou muito de cidade porque na ocasião havia a história de que aqui era melhor ou ali era melhor. E sempre em busca de se adaptar melhor ele acabou fazendo várias mudanças. Uma coisa importante que eu queria falar é que ele deixou o Japão com um segredo: que este corpo, fabricado por Deus, ele se acostuma a qualquer trabalho forçado e a qualquer clima. Esse era o segredo dele, que ele poderia se esforçar, trabalhar e se matar que o corpo se acostumaria. E foi assim que ele acabou decidindo vir como todos.

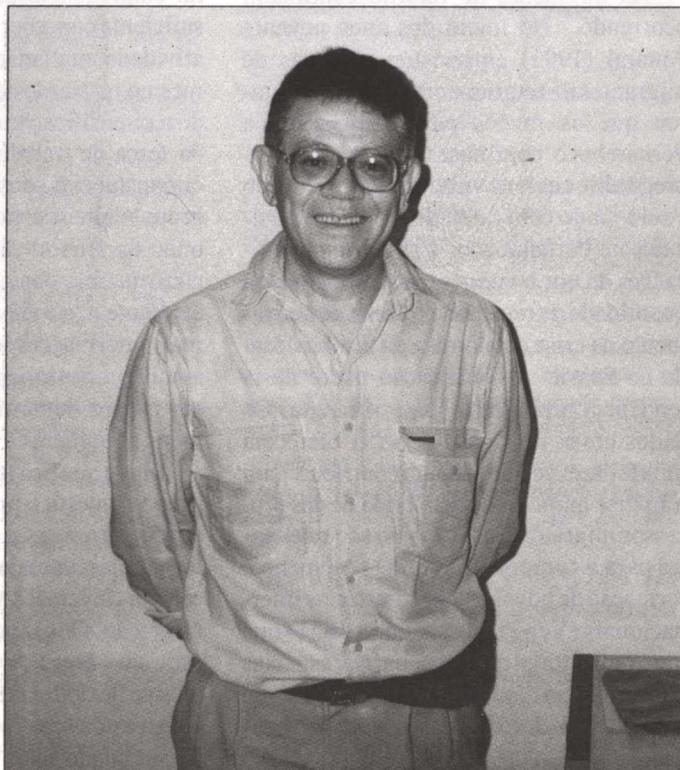


Foto: Sidney Silva

Uma parte dos meus irmãos nasceram em Sorocaba, outra parte em Piedade, e daí ele deve ter mudado para mais umas duas cidades antes de chegar em Taubaté, onde eu nasci. E lá ele permaneceu um bom tempo. Os filhos menores foram crescendo e já mudando para a cidade grande, pra São Paulo, todos estudados, em trabalhos melhores como escritório, mecânica e serviços afins, melhorando o nível de vida. E meus irmãos acabaram transferindo ele do campo para a cidade.

Ele sempre tinha uma grande saudade de voltar para o Japão. Um pouco da doença dele, minha mãe sempre dizia, tinha a ver com a saudade do Japão, daquela cultura, do nível que ele tinha lá, da vida que ele tinha lá... E ele expressava muito esta saudade do Japão através das músicas tristes que ele tocava no violino que fazia toda a família chorar. Isso aí, eu que era novo na época, ainda lembro muito das canções de violino dele. Mas ele perdeu um pouco da saudade logo quando os amigos dele que estavam no Brasil e que já tinham retornado, já estavam de volta pro Japão e já tinham se despedido dele pra ir embora definitivamente - e ele tinha esperança de um dia também voltar pro Japão levando toda a família -, estes amigos, chegando lá no Japão, encontraram um Japão de pós-guerra totalmente diferente. Já não encontravam nem a família mais.

Estes que retornavam, acabavam não encontrando mais os amigos, conhecidos, pessoas iguais a eles; um Japão totalmente diferente, com uma estrutura familiar totalmente diferente, que era o Japão do pós-guerra. Então, esses amigos, voltando contavam que agora dava saudade era do Brasil. Eles haviam acabado construindo aqui no Brasil o lar deles, com família e tudo o mais. Então meu pai acabou se tornando um pouco mais alegre, e veio pra São Paulo e o trabalho dele foi então tocar samba no violino de forma um pouco mais alegre. E aqui ele faleceu de câncer e a família continuou normalmente levando a cultura japonesa. Até os sete anos de idade eu falava muito pouco em brasileiro, muita coisa em japonês e eu não sabia distinguir o que era japonês e o que era brasileiro. Foi exatamente a escola, o primário, que foi orientando para distinguir o que era brasileiro e o que era japonês.

A VIAGEM PARA O JAPÃO

Estava trabalhando. Eu era administrador de empresa, sempre fui. Aliás, sempre não, mas há muito tempo exerço o cargo e vinha exercendo também na ocasião e no final, em 30 de novembro de 1991, quando tive a primeira esperança de poder voltar para o Japão, eu pedi a conta. Mas aí levou meses até eu provar que era realmente japonês. Pois, desde 89 que estava tentando me alistar e não conseguia porque, como não tenho nada parecido com japonês, eu me alistava e dizia que era japonês e queria ir para o Japão e os entrevistadores falavam assim: se o senhor é japonês eu sou Napoleão! Você não tem nada de japonês! No final, depois de muita insistência, consegui formar toda a documentação exigida, que seria o passaporte do meu pai, documentos do meu pai, tradução de todos esses documentos, provar que meu pai só teve uma esposa, que foi casado, examinar pra ver se meu pai não era casado no Japão, porque se ele for casado lá, vier aqui e se casa e tem um filho não tem direito, perde o direito. Depois de exigirem toda a documentação e depois que eu estava seguro que ia pra uma

agência honesta - que é uma agência da própria Isuzu Motors do Japão -, sabendo que eles realmente trabalhavam pra própria empresa que eu ia trabalhar no Japão, já com promessa certa de contrato de trabalho lá, então eu decidi. Saí como turista daqui pra depois obter no Japão o visto de trabalhador.

Parti na ilusão de que poderia levar minha esposa, breve, meu filhos; eu tinha uma filha, na ocasião com dezesseis anos, e um filhinho de dois. Uma separação com a família, com a esposa, seria bastante difícil, mas como pretendia ficar pouco tempo, um ano a dois no máximo, ainda iludido de que se poderia dentro de três, quatro meses levar também minha esposa e filhos, eu decidi ir mesmo. E também pelos ganhos lá que eram altos na ocasião, três mil e quinhentos a quatro mil dólares, com hora extra e tudo. E aqui, também, no Brasil, se enfrentava um desemprego violento. Então, todos os empregos, embora eu fosse administrador experiente e tudo, os salários aqui eram bastante baixos mesmo. E tudo isso, uma vida melhor, acabou me convencendo que lá seria melhor. Nas continhas que eu fiz daria pra mandar dinheiro pra família viver bem, guardar uma boa bolada e viver bem lá. Tudo era um encanto! Tudo era uma maravilha!

A CHEGADA

No início foi tudo bem, uma maravilha! Uma viagem espetacular, principalmente porque a gente passa por outros países ocidentais, os Estados Unidos, e então é tudo uma beleza! Mas chegando lá, já no aeroporto de Tóquio, ou de Narita? é de Narita, já é o grande primeiro impacto. Como todos os que vão, poucos sabem da língua japonesa, e leitura zero, já começa o grande impacto. A gente não consegue ler nada, é quase tudo em japonês. O local pra onde a gente vai se dirigir é por seta, a gente segue seta na tentativa de chegar em algum lugar. Me falaram que era fácil encontrar a minha empresa porque havia um tradutor me esperando com uma bandeira da empresa, levantada! E eu fiquei mais de duas horas perdido no aeroporto porque não conseguia nem ler o que era saída, o que era entrada, nada. (...)

Só havia setas...setas, chegando ao cúmulo de seguir uma seta até bater numa porta que era fechada, sem saída! Quando eu parei na seta, vi que tinha outras pessoas me seguindo, seguindo a seta. Aí eu falei em português e eles também eram brasileiros, de outras cidades aqui. Aí juntou uma turma de seis procurando o mesmo bendito tradutor que esqueceu de levantar a bandeira. Como o aeroporto já estava mais ou menos vazio, em seis tentamos localizar e começamos a distinguir outras pessoas que não se pareciam tanto com japonês e que tavam sem fazer nada no aeroporto. Aí sim, o grupo que já somava aproximadamente umas vinte e cinco pessoas, que já estava acumulado procurando o tradutor, ele me viu, e viu que eu não era japonês, eu que acabei me identificando, ele viu e levantou a bandeira. Aí ele contou quantos estavam lá, eram só homens, não tinha mulher, porque senão os cuidados seriam maiores, porque mulheres, geralmente, sofrem o perigo de serem raptadas no aeroporto mesmo por quadrilhas já especializadas em raptos de mulheres, onde eles tomam o passaporte e obrigam a fazer trabalhos paralelos no Japão. Coisas como prostituição, tráfico de drogas, tráfico em geral, revistas pornográficas, filmes pornográficos, toda essa área

ligada à máfia japonesa - **Yakusa**.

Bom, nos primeiros dias eu não notei muita diferença, ou seja, eu estava habituado com comida japonesa, mas só que quando eu pedia comida à vontade, não tinha! Era só o **gohan** (arroz pronto para ser servido) mesmo. A comida é muito racionada lá, a gente percebe que a reserva de alimentação do Japão é bem escassa. Não é tão à vontade, abundante quanto é no Brasil. Nos primeiros dias nós tivemos aulas de costumes japoneses, fomos morar num alojamento, pra homens, porque lá existe a grande diferença de alojamentos de homens e de mulheres. Continua ainda, no Japão, o controle da natalidade iniciado já na época do meu pai e, até hoje, ainda continua um grande controle. Homens morando num alojamento, e grande, nosso alojamento era de cinco mil pessoas, e outros alojamentos só para mulheres, sem perigo de mistura e nada. Fomos morar no alojamento e recebemos as primeiras aulas de costumes japoneses e também já começamos os grandes impactos. Acho que até meu pai estranharia os atuais costumes. Os costumes de antes da guerra e pós-guerra estão totalmente diferentes, a gente nota isso e, principalmente, de constituição familiar. Eu morava num alojamento e, de início, pensava que só eu ou só nosso grupo morasse. Não é não! Depois percebemos é que a grande maioria de japoneses, aos quatorze anos já vão pra alojamento e acabam se desligando da família. Uma muito pequena faixa da população é que continua morando em família, mas a maioria já mora em alojamentos mesmo.

Aos quatorze anos, quinze anos, o japonês já vai pro alojamento da escola e depois daí pro alojamento do trabalho definitivo e a visita à família se torna escassa, escassa, e quase há uma perda de contato. Pudemos perceber isso com grande clareza porque também tínhamos lá companheiros japoneses. Meu chefe, em um ano e meio, tinha visitado a família uma vez, o que pra nós aqui seria até um absurdo, não é?! morando próximo, lá, porque o Japão em si é pequeno, o Japão inteiro é do tamanho do Estado de São Paulo.

(...)

Dormiam quatro num apartamento de mais ou menos quatro por quatro. Agora, como daria para caber quatro? Dois durante o dia e dois se revezavam à noite. A fábrica já é conjugada com o alojamento, de forma que se te mudarem o horário na fábrica, eles vão te mudar também de alojamento. Então, você está em dois Japões diferentes, um no diurno e outro no noturno. Isso a gente aprende também logo no início dos costumes, que você vai ter o teu **hantai-ban**, que é o teu oposto, que você nunca vai encontrar, que você nunca vai ver. Você vai ver vestígios dele, só vai poder se comunicar com ele através de bilhetinhos, mas você nunca vê o rosto dele, e ele faz exatamente o que você faz. E a gente soube que a maior parte do Japão, noventa por cento, segue o mesmo ritmo: tanto restaurantes, como fábricas, como comércio, como..., tudo, tudo ...

O TRABALHO

A expectativa daqueles dias era muito grande, era uma expectativa em que eu lembrava do segredo de meu pai, que o corpo se acostuma a tudo, mas eu, como administrador, e outros colegas, também, ficavam numa grande expectativa. Muitos nunca tinham tido experiência com trabalho braçal. E o trabalho era feito por sorteio, quem caía na fundição ou num trabalho mais pesado ou menos pesado, era por sorteio. O presidente da empresa é que iria selecionar, na hora, no ato, no primeiro dia, aquele que faria o quê. Aquilo era até engraçado porque chegava e dizia: fulano vai pra cá, cicrano vai pra lá. Bom, por que aquilo era assim? Ninguém sabia! A gente procurava sempre saber através de um chefe maior mas ninguém podia garantir pra onde a gente iria trabalhar.

(...)

Quando se vai ao banheiro acende uma luzinha, toca um alarme, e isso incomoda muito, então você não precisa de supervisor, nem nada, você sai correndo mesmo. E outros tipos de supervisão que são feitas no Japão e que é diferente da supervisão daqui. Lá

existe o profissional, acidentado do trabalho, que ele recebe o cargo de olheiro; ele vai marcar se você sentou ou se abandonou o trabalho ou alguma coisa desse tipo de natureza e ele vai apontar e vão efetuar o desconto disso em folha mesmo e talvez perda de prêmio. Isso é muito comum em todas as fábricas do Japão. Aqui, o que a gente chama de olheiro, que é um traba-

lho vergonhoso aqui, mas lá, com o tempo a gente aprende que é um trabalho normal, uma rotina normal. Os olheiros passeiam em bicicleta e têm a função de acompanhar o pessoal que está em experiência, principalmente. Durante os primeiros meses ele tem que visitar a todos e ver se eles estão realmente trabalhando e naquilo que se comprometeram trabalhar. A gente sofre essa olhadinha que pra eles não é supervisão de chefia não!

(...)

O salário é quase equilibrado, sabe! Serviços assim: de escritório, administração, é de mil e oitocentos dólares, não passa disso, porque é um trabalho limpo. Eu tentei outros tipos de trabalhos, como o de solda de terminais, solda de cabos, em firmas americanas, mas não compensava em matéria de rendimento. Porque pra trabalhar com solda você senta e então passa a ser um trabalho não considerado pesado; é trabalho limpo, porque você vai usar um avental e não é perigoso porque você pode usar uma máscara, e a solda mesmo ela não exala nada.

(...)

Depois de quatro meses que eu já tava lá, e já tinha um pouco de experiência, tentava, como outros que nunca estão satisfeitos e acham que podem encontrar um trabalho melhor, e começa a migração de um pra cá e outro pra lá! Os próprios brasileiros que

estão permanecendo, eles já passaram por vários tipos de trabalhos na tentativa de encontrar algum com que vai se adaptar melhor. Mas essa busca é sempre em vão, é sempre pra pegar trabalho sujo, perigoso e pesado.

(...)

...Depois, quarenta e cinco minutos pro almoço. O rigor é tanto que quando a gente é sorteado para um trabalho, há um grande grito de alegria quando um camarada pega um trabalho de um setor próximo ao restaurante ou próximo ao banheiro. Ele vai ganhar tempo e descanso com isso e ele vai poder aguentar mais do que os outros. Tudo isso é contado. E o meu trabalho ficava exatamente a três minutos do refeitório, e isso já era motivo de alegria porque possibilitava chegar rápido e sentar e descansar um pouco mais pra voltar à rotina dura, do trabalho da tarde, e desgastante. Carregar peso, levantar caixas... Nunca é mais que vinte e cinco quilos, uma caixa de lixo, de material de fagulhas de metal, essas caixas nunca pesam mais que vinte e cinco, mas imagina carregar cinquenta vezes essa caixa até o lixo!!! E isso é um dos tipos de trabalhos que você faz lá dentro, além de carregar essas peças pra lá e pra cá, o resto do lixo você tem que pegar e limpar o chão, acondicionar peças em carrinhos adequados, somando mais ou menos uma produção diária de mil eixos, aproximadamente, ou mais de mil, dependendo do volume de horas extras.

(...)

Eu, por sorte, fazia duas horas e meia extras por dia. Deixa te falar: quando um japonês gosta de um funcionário, ele dá mais trabalho, portanto, maior ganho! E eu devia agradecer muito por isso, embora, na hora tinha vontade de chutar tudo pro alto, mas tinha que agradecer muito porque ele tava contente com o meu trabalho e então ele resolveu me premiar com mais de duas horas de extras. Se ele tivesse descontente, ele daria só o expediente normal, ou quinze minutos, ou uma hora, ou uma hora e quinze, pois é contado minuto de hora extra.

O LAZER

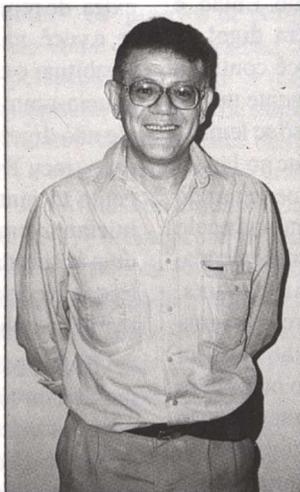
Existe, existe! E é assim, tão relâmpago, porque lá a gente pega o hábito de japônes também, de comprar uma filmadora e fotografar tudo o que vê, e é um hábito que a gente acaba ficando até fanático por ele. Mas há, há encontros. E eu também participei. Entretanto, normalmente se dá pra cada um apenas um descanso de um sábado e um domingo juntos, no mês. Não venham me dizer que alguém ganha mais do que isso! Se for verdade é porque não ganhou as horas extras dele, tá relaxando, ou acabou se pendurando na Previdência. Também existe isso, do camarada que vai pra lá e acaba se pendurando na Previdência. E outra, vamos contar também que vai dois tipos de japonês pra lá: aqueles que vão com um objetivo, como eu fui, mas existem também aqueles que são verdadeiros encostos da família japonesa aqui no Brasil, com vícios gravíssimos, não trabalham nem nada, e acabam conseguindo uma documentação pra eles e mandam pra lá. Esse aí vai

fazer lá o que fazia aqui e acaba arranjando um meio de pegá um gancho na Previdência e aí ele tem o tempo livre todo pra organizar tudo o que ele quiser lá. E esses aí até acabam sendo de forma útil, organizavam reuniões, pois na GM, lá tem um clube, e nesse clube tinha campo de futebol de salão, tênis de mesa e tudo. Eles organizavam os times pra jogar de domingo e eu fui jogar e nesse jogo tem aquele churrasquinho rápido lá, aquela cerveja de lá mesmo e tal. A gente fazia, mas é tão rápido, porque veja só, no fim-de-semana é o dia da troca de turno. Se você trabalhou durante o dia no sábado, você vai tá bem pra jogar, mas vai ter que se cuidar porque à noite vai pegar no serviço. Porque lá tem a antecipação da segunda, que começa no domingo à noite. Enfim, resumindo tudo, você tem metade do time que tá voltando do trabalho e outra que tem que ir pro trabalho com a preocupação de ir pra casa correndo e dormir senão não vai dar conta do serviço. Então a gente acaba matando a saudade de jogar futebol, futebol de salão se jogava muito lá, mas era tudo muito rápido, com fotos e filmes e daí a pouco todo mundo se despede e ninguém queria ver o outro mais e cada um correndo de volta pro seu objetivo. É claro que a

fita permanece como uma grande festa, bebedeira, todo mundo se reunindo, os amigos, mas mal você vai lembrar depois se você não rever a fita. Existe, então, o lazer, existem até os barzinhos lá, frequentados por brasileiros. E muitos, antes de voltar correm e passam lá pra festejar, mas são todos momentos, não é uma coisa habitual, constante e de mesmas pessoas alegres. Não é aquela alegria normal que existe aqui no barzinho, onde a gente pode estar lá, pelo menos uma vez por mês, estar lá à vontade, voltar pra lá e praticar isso. São passagens, é um movimento que começou e até pode acontecer de cento e cinquenta mil brasileiros passarem por lá, mas uma vez só, e nunca mais! E outra, lá a gente tem consciência disso. Se a gente for lá é uma vez pra conhecer e nunca mais.

(...)

Claro que estavam fazendo em algumas cidades grandes propagandas em cima da possibilidade de brasileiro trabalhar e aquilo seria muito veiculado. Mas nunca mostrariam o geral mesmo, o resto ia pastar grama mesmo e não ia ter essa chance nunca, porque é pra ser levado a ferro e fogo mesmo. Como eu, com a minha cara de brasileiro que tenho, quando eu entrava num supermercado, eu era notificado via altofalante, e eu me acostumei com isso rapidamente, e não ligava muito, e não foi isso que me maltratou não, era notificado e vinha um segurança pra me acompanhar, porque o brasileiro tinha fama de ladrão. E o segurança disfarçava? Não! Pra todo mundo ver, (Sérgio se levanta da cadeira e reproduz a postura do segurança), ele andava nessa posição, com todo o respeito, porque ele também tem um pouco de medo de brasileiro, e eu com minha cara assustava mais (risos), na distância de dois metros. Se eu parasse pra olhar um chinelo, ele ficava atrás e me acompanhava pelo supermercado todo, nessa posição, até que eu desistisse, e me acompanhava até a porta. E isso na minha cidade era comum, como em todas as



outras cidades onde estiveram colegas meus, exceto onde tão fazendo propaganda de brasileiros, porque lá o supermercado já tá em português, o trabalhador lá é brasileiro e tudo o mais. Mas isso é uma propaganda, que existe mesmo, visivelmente, clara, pra atrair mais pessoas pra lá e mostrar que eles não tão mentindo não! E quando se contrata aqui, falam assim: **gohan** à vontade! O que você entende? Oh, comida à vontade! Chega lá e não, arroz branco à vontade!

A ROTINA

Pra passar o primeiro dia, ele parece a vida toda, porque no fim do dia o desgaste é tão grande! tão grande! carregar toneladas e toneladas, ficando o dia inteiro em pé, e não pode parar, correndo pra cá e pra lá atrás da máquina, porque a máquina são robôs, tornos automáticos e trabalham com tanta rapidez e você tem que acompanhar de qualquer maneira e ter aquela habilidade de não estragar peças, de dar conta do teu trabalho, que um dia acaba parecendo mais de um ano. Você sai mais ou menos entorpecido pelo trabalho com vontade de chegar em casa rápido e jogar tudo fora, tirar o macacão..., tudo incomoda, até o sapato de segurança, o capacete e luvas..., e voltar a ser o que você é mesmo. Então, é um desgaste violento. Pra passar uma semana, nem digo! Já parecia centenas de anos porque no dia seguinte você continua entorpecido ainda. Você acorda pelo alarme, aliás, a gente mal se lembra como chegou no primeiro dia no alojamento, só se lembra que você seguia a massa. E é fácil seguir a massa porque no Japão, devido ao seguro de acidentes de trabalho, você tem que seguir do alojamento até o local de trabalho por uma trilha determinada pelo seguro. Então você é obrigado a andar pela mesma calçada, atravessar sempre a mesma faixa, seguir por determinada faixa, atravessar determinados faróis todos os dias, numa rotina constante, corredores, e etc. Se tiver um acidente de trabalho no outro lado da rua, que você atravessou pra comprar cigarro ou pra dar um telefonema, ou pra tomar água, qualquer desvio o seguro não vai te indenizar por isso. Portanto, pra chegar ao trabalho ou retornar pra casa, é seguindo a trilha mesmo ou a orientação que deram nos primeiros dias que mal você conseguiu prestar atenção.

Bom, os primeiros dias você tá tão preocupado em acostumar o corpo, que é o primeiro objetivo, acostumar o corpo ao trabalho, que você mal tem tempo de pensar na bendita saudade. E quando eu saí daqui pra lá, eu pensei: puxa vida, saudade é um sentimento! Isso aí é só aguentar e depois passa. Mas não é nada disso! Depois que o corpo acaba, isso foi uma verdade de meu pai, viu! castiguei o corpo e perdi dez quilos, exatamente! nas três primeiras semanas. E no final cheguei até a passar mal com isso.

A SAUDADE

Quando você tem o primeiro descanso daquela primeira semana, quando tem tempo pra pensar, a saudade bate de tudo, de todas as formas, de todo jeito e a gente começa a comparar a vida que tem lá com a vida daqui, que são os valores, a diferença de valores! Por exemplo, o que a gente gosta aqui, coloca em primeiro e segundo lugar, nota que lá é diferente. Ai começam os choques. E a gente vê porque os outros começaram a entrar em crise lá. Já

nos primeiros dias tem saudades do pãozinho daqui cortado da maneira habitual, cortado no meio, lá nunca você vai receber um pãozinho assim, ele vem cortado de atravessado. Então, toda manhã você come um pãozinho diferente, normalmente frio, se você quiser. Se não, tem que habituar a uma refeição logo pela manhã, às seis horas. Já começa, então, a dar saudade das coisas. Família? Família já deu na primeira semana. Recordações! Saudades dos filhos! E o entorpecimento da coisa, quando bate a saudade, começa a bater com maior força! Você acaba cheirando a tua mala, você acaba lembrando do Brasil e aquilo começa a te abater de forma muito forte. E chegando aos sessenta dias, tem pessoal que chegam à crise emocional violenta mesmo. E eu cheguei numa delas, sabe! Eu já estava bastante magro, já sonhando com o cheirinho do café daqui, a falta da esposa, a falta de coberta meu Deus do Céu! Lá, até cama é diferente! O hábito do Japão, lá, é dormir em cima de um acolchoado e se cobrir com outro!

E a dificuldade de se acostumar ao trabalho, pois é uma semana diurno e outra noturno. Na hora que você se habitua, no fim da semana você tá bem no trabalho diurno e cumprindo a hora extra, de repente vem um descanso semanal, um descanso somente, e você, na outra semana, tem que começar o trabalho noturno. Reabituá-lo o corpo a dormir de dia e trabalhar à noite. Almoçando à meia-noite, e aquilo parece um almoço de ressaca, o estômago, ele não digere, não aceita; acostumar a um jantar logo de manhã cedo, meu Deus do Céu! Pra gente é estranho! E na hora que a gente tá jantando, tamos jantando junto com aqueles que tão iniciando um trabalho, porque lá são três refeições durante o dia, uma às seis da manhã, outra meio-dia e outra às seis da tarde. São três refeições somente, sem o cafezinho daqui. Lá o cafezinho da manhã é **gohan**, com sopa, já é diferente daqui!

Então, os hábitos, tudo isso, começa a bater a saudade que eles me diziam lá, **sabishii** mesmo, é a saudade violenta que bate. E essa saudade é tão forte, de tudo o que existe aqui, que a gente acaba ficando num estado, em tamanha depressão, que começa a afetar batimento cardíaco, pressão, crise de choro, queda de potássio e tudo, e eu acabei parando, por volta dos sessenta dias, pela primeira vez no médico. Fui, praticamente, arrastado, porque comecei a ter pesadelos e sonhos do Brasil... (Choro)

(...)

É uma saudade inexplicável, sabe! Ela é uma saudade que chega de fundo e te domina até nos sonhos. Você passa a ter sonhos em forma de pesadelo com coisas que você nunca imaginou na vida. Formas que você nunca pensou em ter! E o abatimento vem no corpo também, ele passa a sentir tudo aquilo. Quando você vai pro trabalho, todos percebem que você está naquele estado. E esse foi um dos impactos que eu estranhava. E os japoneses sabem da saudade dos brasileiros. Tanto é que eles dizem pra nós, nas aulas de costumes, que temos que aguentar os primeiros sessenta dias, porque depois disso passa. Mas como eu tinha que seguir pela mesma calçada, para o trabalho, eu cruzava com aqueles que tavam voltando do trabalho. A expressão daqueles que tavam voltando era tão horrível, tão feias, de olhos inchados, sombras violentas nos olhos, corpos emagrecidos, que choravam já desca-

radamente na rua, que você acaba tendo uma má impressão, pensando: puxa! esse aí deve ter deixado alguma coisa grande no Brasil! E pensava: quando eu cheguei eu devo ter deixado também alguma coisa de grande no Brasil, alguma coisa que não tou entendendo, sabe?! Mulheres? Dá medo! Porque elas são as que mais sentem mesmo e você mal consegue conversar. Na verdade, você tenta muitas vezes ajudar, mas os hábitos japoneses são de nunca conversar com mulher, elas são classificadas com valor lá embaixo! De valor, primeiro, pros japoneses, dizem eles que é Deus! Depois o trabalho e depois os bens materiais, carro..., e isso abertamente, publicado! Carro e aquilo que ele conseguiu de posses, e depois o filho homem; mulher nem tá na lista deles, nos primeiros! Mãe? Pai? Nem se comenta! E isso também é um grande choque pra gente que chega e acaba entristecendo bastante.

CHOQUE DE VALORES

O que a gente notou, é que é independente de qualquer coisa, mas também a gente notou que existe uma pequena faixa de japoneses, mas muito pequena, que ainda vive em família. Então, claro, essa mulheres devem ter um tratamento diferente ou nem saem na rua, ou são proibidas até de sair na rua, de conhecer o mundo em geral ou de ter qualquer tipo de cultura.

(...)

Todos os japoneses que tinham uma mentalidade mais aberta, na minha opinião, acho que todos já saíram de lá. Então, a discriminação é grande. O japonês discrimina tudo, tudo, tudo..., até entre eles a discriminação é grande e a gente procura relevar, não ligar muito pra isso. A gente acha que vai superar tudo isso, mas quando se vê uma discriminação a um outro ser humano, a gente já começa a sentir, puxa vida! Se você é discriminado, você já não liga, porque já tem um monte de palavras que te ajudam a superar; ah! eu tô aqui por causa dos meus dólares, esse cara que vá pros quintos dos inferno e até já dá uma xingada em português mesmo, ele não entende! Você releva! Entretanto, o teu semelhante, um outro, vai sentir, e é isso que às vezes a gente não leva em consideração. Se você vê um outro colega seu sendo maltratado, você acaba interferindo porque teus valores internos você não muda. Você pode enganar, pode tapiar e tudo mais..., mas tem muita coisa que você não muda, até o ponto de você sentir saudade de Igreja católica. Pergunta se aqui no Brasil eu vou à Igreja todo domingo? Mas a minha casa eu já sinto que é uma igreja, formada de acordo. Eu posso chegar na minha cama, sozinho, e eu vou orar. No Japão, você não tem essa liberdade!

(...)

A saudade dos primeiros sessenta dias foi muito grande que eu cheguei ao ponto, de quando tava voltando do trabalho, à noite, e passava pelos novatos, eu notava que já me olhavam com piedade. Eu já apresentava um sinal de emagrecimento bastante forte, olheiras profundas, já não continha as lágrimas, o choro..., então eu notava que já estava igual àqueles que tinha visto no início. Eu rezava muito pra tentar superar aquela fase tão amarga, tão violenta que parecia que estava às vésperas da morte ou de algo muito grave. (Novamente um silêncio)... Mas, também, senti

muita falta na ocasião de poder orar, de um local privativo, eu pedia por uma igreja, alguma coisa assim, de forma que eu notei também que outros colegas se encontravam nas mesmas condições. E chegamos até procurar uma igreja semelhante lá, pra gente ir lá conversar com padres, bater papo, expor nossa situação e chorar à vontade!!! (Silêncio) E eles expressaram que nós estávamos sentindo muita falta de Deus, que parecia que Deus não chegava do outro lado do mundo, ou alguma coisa assim; piadas a esse respeito existem em quantidade muito grande.

(...)

Eu tinha um tradutor no quarto, por isso que eu era bastante privilegiado, que tudo o que eu não entendia em japonês eu tentava conversar com ele, e aí sempre havia o choque de valores e muita dificuldade e ele traduzia tudo, mas existia muita coisa que não se traduz, que é aquilo que eles entendem que é o quê, sabe! Aquilo que eles classificam como só sendo classificação de valores e não discriminação, pra nós não, pera aí, aí mexe com valores universais. Pra eles não, o orgulho tá numa faixa muito acima, a humildade pra eles é uma coisa bem diferente! A nossa é perante Deus e perante ao semelhante e tudo. Lá não, é uma confusão! Chega até a embaraçar a gente sobre o que é o quê, embora eu veja o embaraço de todos os outros até pra explicar; eu tenho até muita dificuldade pra explicar o que a gente sente no fundo da gente. Mas a gente sente assim que vai morrer longe de tudo, no esquecimento, longe da família e sem poder voltar correndo... (choro)... e explicar pra todos o grande mal que a gente acabou fazendo depois de uma separação destas. (silêncio) O sonho de meu pai, eu mal conheci meu pai, e um dia sonhei com meu pai. Aí falei pra ele: Oh! Você falou pra gente que o corpo acostuma a tudo mas não falou da cabeça! E numa crise dessas, eu que nem lembrava mais bem da imagem do meu pai, ele apareceu pra mim meio nervoso dizendo: Meu filho, eu saí daqui e estava bem, deixei todo o dinheiro do mundo pra constituir minha família e deixar vocês livres disto e você volta pra cá (choro) por causa do dinheiro!!!... (choro).

"O BOM AMIGO JAPONÊS"

Nessa fase eu cheguei num ponto tão grave que..., como os valores dos japoneses são diferentes, então eles pensam assim: como o trabalho está em primeiro lugar, é o máximo, se um amigo meu não está conseguindo exercer esse trabalho, eu devo ajudá-lo, seja de que forma for. Então, eu senti que um dia, já esgotado do meu trabalho, na hora do intervalo de trabalho, alguém me ofereceu um copo de refrigerante diferente daquele que eu tava acostumado a tomar no meu intervalo de cinco minutos. Quando cheguei na mesa, vi um copo e o tradutor falou: Olha, isso aqui foi deixado pra você e falaram que foi um amigo que deixou! Eu peguei aquele refrigerante, que parecia normal, e tomei. Mas aquilo tinha algum estimulante que me deu um vigor maior. Voltei do descanso trabalhando mais do que qualquer um, cantando, praticamente, e notei que alguma coisa estava estranha. Há várias semanas eu já estava quase sem sentir o corpo, entorpecido!, como qualquer pessoa que volta do Japão expressa. Parece que a gente tá trabalhando no fundo do mar e vê o mundo através

A DOENÇA E O PROJETO DE RETORNO

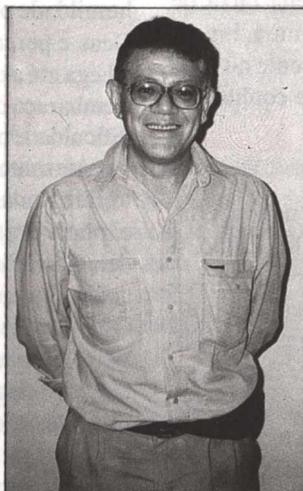
Eu acordava de madrugada sentindo uma enorme falta de ar, com soluços e palpitações fora do normal. Então recorri ao médico e no eletrocardiograma deu que eu estava com extra-sístole de vinte e um por cento e isso até hoje eu carrego, e eu não conhecia isso. Agora eu preciso fazer regularmente um eletro, porque o normal que a pessoa pode ter é sete por minuto e eu tava com vinte e um, e o médico, muito gozador, falou assim: Bom! se você tá com vinte e um por cento e tá vivo, então você deve agradecer a quem quiser porque tá vivo. E isso aí, em vez de conforto passa a ser uma preocupação muito grande. Falei: Estou vivo! mas até quando isso pode aguentar, doutor? Ele falou assim: Se você já aguentou um dia, vai aguentar o resto. Mas você fica pensando: espera aí! se eu ficar tentando aguentar mais, posso voltar aleijado! Aí você começa a pedir a Deus pra que a saúde volte e recupere.

Então, a gente passa a começar a trabalhar pra voltar, porque

eu, depois de quatro meses, aquela luta é quase que diária, vencer mais um dia, vencer mais um dia... É claro que eu cheguei num ponto de conseguir me enganar até por uma semana. Mas, logo de cara, eu pedi pra minha esposa que se correspondesse comigo, pelo menos que me mandasse uma carta por semana, porque eu jamais queria ficar como aqueles que eu via lá, que perderam noção de tudo. E que se eu começasse a não telefonar, ou a telefonar só contando vantagem, alguma coisa mecânica, daquilo que eu estava treinado por eles, a ligar pra família e dizer: Tudo bem, os carros daqui são bonitos, andei de trem-bala, conheci a Disneilândia..., se começasse a falar com esse papo de sempre, se ela visse que eu começasse a perder aqueles hábitos normais, por favor que ela disparasse um certo esquema que eu tinha pré-combinado, que era mandar fotos e

coisas cheirando a Brasil, porque eu vi que isso poderia me ajudar a retomar os meus hábitos porque o meu medo era de perder um pouco a memória ou qualquer coisa semelhante. E minha esposa, realmente, me ajudou muito! muito! muito!, com cartas, correspondências. Eu escrevi pra ela contando tudo o que eu tava passando, o que eu via, pra aguentar! Então, ele me aconselhou para que eu anotasse tudo o que eu achava diferente para contar a ela depois, e foi aí que comecei a contar das coisas que me incomodavam, desde o corte do pãozinho, do formato da lua - eu gosto muito de astronomia - e alguma coisa, lá fora no céu, me deixava estranho! O formato da lua! Como nós estamos num outro hemisfério, ele é o contrário, meu Deus do céu! Depois que eu tive que reparar e explicar pra ela! E isso tudo foi me ajudando a ganhar tempo. E mais, a sensação de a gente sempre achar que tá indo prum lugar e ia dar no contrário! Uma brincadeira dos japoneses com os brasileiros é de fazer os brasileiros se perdê na fábrica. É só largar ele sem guia e mandar ir pro setor. Ele se dirige sempre ao oposto do setor. Lá, pela mudança de hemisfério, a gente perde o instinto nosso e perde a noção do espaço. O sol, dá

de uma máscara submarina. Só vê em frente e mal percebe, mal sente, e só vê a mão da gente subindo com martelo, com chave de fenda, pegando peça, como se aquelas mãos não fossem da gente. Sabe, a gente mal vê, os ouvidos da gente param de ouvir por muito tempo, a vista se reduz, o campo de visão se limitando apenas a um pouquinho de centímetros à frente da gente, a vista também encurta bastante, o senso de responsabilidade de ter que vencer, não poder fracassar, não deixar a família em maus lençóis, de contrair dívidas, de fracassar..., é uma série de coisas que a própria natureza da gente e a própria educação deu, e o preparo durante a viagem - o fracasso... o fracasso! Se você voltar, Deus me livre! Nem pensar nisso. Você fra..., outro tá muito bem lá no Japão, então aquelas histórias... que você acaba tentando se esforçar o máximo naquele sentido. E um copo daquele, mal percebi que devia ter alguma coisa, de repente a visão se abre, o teu corpo se reanima muito mais do que o normal. Passei a trabalhar com gosto, quase assobiando e músicas brasileiras vieram à minha cabeça, cantei ao ritmo normal de música e parecia que tinha passado toda aquela fase, chegando ao ponto de eu ser tão rápido com as minhas peças de eu pará e olhá em volta e achá aquele meu trabalho bonito, as peças bonitas! De repente, tipo cinco horas da manhã, eu fiquei até meio encantado com a luz do sol que penetrava pelo teto da fábrica, pois já tava amanhecendo, com aquele monte de pó que antes eu via que era poluição violenta, e aquilo tudo com brilho metálico! Cheguei a olhar com encanto, achando tudo bonito! Ah! o sol! Que beleza! E voltei diferente pro alojamento e, momentaneamente, achando que tudo aquilo que eu tinha passado já tinha me acostumado e iria vencer. Alguns dias passei assim. De forma que aquele fim-de-semana foi bonito até, tomando aquele copinho do amigo que deixou, que na intenção dele é de ajudar alguém que não tá conseguindo trabalhar, mas que pra nosso valor não é não!



Espera aí, eu fui enganado! Mas aquilo me causou um efeito muito violento também, pesadelo, que depois eu vim entender que é aquela ressaca de algum entorpecente que você tomou, que são pesadelos fortes..., e eu dormi, dormi do sábado pela manhã até o domingo à noite, sem comer, sem beber. Só me lembro que eu levantava muito zozzo e voltava. Levantava e acordava com o corpo totalmente flácido. Me lembro que com a mão eu tocava meu quadril e sentia todos os meus ossos e todos os buracos, e isso não é sonho! Eu tava tão magro e tão flácido que passava a mão pelo corpo todo e sentia todos os ossos. A minha bochecha lateral ela escorria e formava um volume flácido, molenga mesmo, e os ossos totalmente aparecendo mesmo. No contato com a mão, a gente notava que poderia colocar a mão dentro dos olhos sem que sentisse dor. As costelas, o estômago, podia colocar a minha mão por dentro da pele e tocar o coração assim por volta. Esse foi o estado que eu fiquei e nem gosto de lembrar, por isso que eu fiquei nesse estado muito forte de emoção... (Choro/Silêncio)... que parece o fim de tudo!

impressão de nascer e caminhar ao contrário. As constelações, eu não reconhecia uma! Ficava querendo ver isso e aquilo e lá não via nada, é bem diferente daqui! Até a água que caía no ralinho da pia ela gira ao contrário daqui, e assim uma série de diferenças que acabam te incomodando, coisas que normalmente não aparecem no normal. E nesse sentido minha esposa me ajudou muito a não perder a memória, o sentido das coisas! Porque eu chegava a ter pesadelos e eu acordava tão preocupado com o pesadelo que chegava a passar dois dias sem sequer me lembrar de quem era eu exatamente. Sabia que tinha vindo de lá, tão distante! Brasil? Aquele paiszinho lá que todo mundo mete o pau, porque não vou meter pau também?! Sabe, a nossa saída pra lá, pra quem deixa filhos e esposa, há uma ligação muito forte! Na ida, eu sentia o jato se distanciando, indo tão longe e cada vez mais longe, mais longe, vinte e sete horas, isso te deixa tão frágil que você pensa: Ah, meu Deus do céu, se vou ter alguma coisa aqui como é que eu volto pra casa? Quanto tempo vai demorar pra voltar pra casa? E quando você chega lá que não entende um letreiro! O medo é de nunca mais poder voltar pra trás. Se me largam aqui, como é que vou voltar? Não sei! O que que vou falar na embaixada! Mas em que lado fica a embaixada, se eu já me dirijo sempre ao contrário? O trânsito lá é o contrário. Sempre que eu ia tomar o trem eu ia para embarcar no lado errado. Acostumar a andar na contra-mão, é tudo engraçado! No começo a gente levava tudo com graça, mas quando chega nos sessenta dias a gente fica "P" da vida, aquilo te incomoda e você chora tanto e aí você entende porque os outros tavam sofrendo tanto! Agora, ou você tem um branco total, como às vezes eu acordava em branco total, meio entorpecido com uma série de coisas, ou você tem que voltar, porque a saudade e os valores te cutucam com muita força. E chega num ponto de você achar que dinheiro não vale nada mesmo, é aquilo que meu pai apareceu em sonho e disse: Rapaz! eu saí daqui e larguei tudo e por que você volta aqui atrás de bem material? Aí você começa a comparar valores, recomparar. Lá no Japão você tem tudo, dinheiro, tem tudo! Entretanto, você sofre demais por um prato de comida. Você perdê o **gohan**, como já aconteceu comigo na fábrica, acabou o **gohan**! E não acabou só na minha fábrica! O engraçado é que quando acaba o **gohan**, acaba na cidade toda, no país todo, e é aquela preocupação. Acabou o **gohan**, meu Deus! vou morrer de fome aqui! Fora os terremotos, que são habituais. Eu passei por muitos deles, pequenos terremotos e é até engraçado, eu ri muito deles, porque eu tava do lado do alarme e eu não sabia. Mas isso acabava não preocupando mais nada, mas o **gohan**, aquilo me deu uma preocupação violenta. Entrei na fila e todo mundo batendo prato e pedindo **gohan** e eu não sabia muito bem daquilo. Aí fui pra lanchonete, comi lanche, chocolate, e me distraí e voltei pro meu trabalho mas sem saber que aquilo tinha sido em geral. Não foi só na fábrica... - depois vou num bar da esquina -, não! Quando acaba, acaba mesmo!

A DECISÃO DA VOLTA

Só pelo fato de eu ter ido ao médico, voltado para o setor de produção e lá me lembrar que o meu antecessor teve parada cardíaca - Sakamoto-san, brasileiro também, foi o antecessor na minha máquina -, ele teve uma parada e uma queda, e quando

foram cuidar dele disseram que ele já sofria do coração e ele não tinha percebido! O japonês tem desculpa pra tudo, desculpa esfarrapada pra tudo. Eles dizem, quando falam, assim: "Dizem...", é mentira! "Dizem que...o grande número de suicídio japonês é em decorrência do grau elevado de...", qualquer coisa quando eles falam com "dizem!...", é mentira! Já pode desclassificar que isso eu aprendi lá! Então, quando eles falam: "Dizem que já sofria do coração aqui no Brasil e não percebeu, por isso que teve... mas não foi culpa do trabalho e não sei o quê...e agora ele pretende retornar...", a gente já sabe que a verdade é outra. E o Sakamoto, ele se despediu de mim com grande alegria de saber que ia voltar! Então, quando eu tive essa parada e tudo o mais, eu acabei lembrando de tudo isso e tomei a decisão de voltar. Aí eu me reanimei. Então, as fumaças foram embora e eu não tomava mais nada oferecido por um bom amigo japonês. E comecei a me sentir outro, até o final, pois trabalhei dois meses após ter tomado essa decisão. Não, um mês e meio.

Foi o tempo para preparar a minha esposa, disse a ela para que guardasse todo o dinheiro porque não ia ter mais, que o que eu tinha guardado lá já dava pra levar alguma coisa no bolso, da muita força de vontade pra começar qualquer trabalho aqui e vencer, e contei também pra ela a dificuldade de ter comida lá, porque aqui no Brasil, se existem quatro desempregados ou que ganham mal, se a gente se junta e diz: Vamos fazer um churrasquinho?! Um traz meio quilo de bife, outro a linguiça e sei lá, e sai o churrasquinho! E isso é comum no Brasil. Existe muito aqui, de gente com pouco poder aquisitivo, ainda conseguir pagar um churrasco pro outro com certa facilidade. Lá a carne é racionada. A gente compra cento e vinte e cinco gramas de carne, coisa assim, quando vai fazer em casa, porque lá a gente se habitua a comer tudo pronto por causa do ritmo corrido. É claro que os brasileiros acabam se reunindo e fazendo um churrasco, mas a carne não é o mesmo gosto, não se encontra sal igual daqui, não dá pra fazer igual.

Aí, na hora que tomei esta decisão, muita coisa foi embora, aquela saudade que mata passou a ser uma recuperação das cartas que eu já tinha lido, e eu já estava começando a ler lucidamente e tentar a me lembrar o máximo possível do que eu estava tentando buscar no Japão. Aprender e notar claramente que aquilo que meu pai me ensinava em casa, os costumes, é claro que ele trazia muita coisa da honra, dos Samurai e aquele negócio, que em parte era muito bonito, de valores, no pós-guerra já era bem diferente! Ou o japonês com aquela mentalidade igual de meu pai, que foi pro mundo, que se alistou, que teve coragem pra se alistar como voluntário e saiu, talvez já não exista mais. Construíram um outro japonês, com outra mentalidade, aquele que fica e luta pelos bens materiais, aquele que discrimina, que se suicida quando as coisas apertam, sei lá?! Não sei qual a explicação que eu dou! Enfim, já não é aquilo que meu pai me contava.

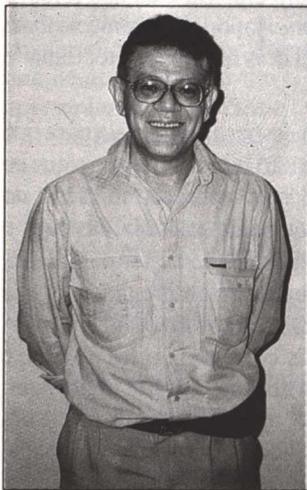
A PREPARAÇÃO DA VOLTA

Tive que arranjar, é claro, um meio, e aquele exame médico já me abriu um grande caminho. Mas a quem procurar? Aí eu descobri que um tradutor, não aquele que morava comigo, um

outro de mais experiência, que já tinha presenciado ataques, crises, mortes, pessoas em estado de botá sangue pela boca..., se eu conseguisse conversar com ele, ele ia me ajudar a me preparar. Ele era japonês, se chama Hirai-san, inclusive o filho dele era o responsável pelos Recursos Humanos da empresa aqui no Brasil, e ele já conhecia muito bem os hábitos do Brasil, ele já estava no Brasil há muito tempo e foi só como tradutor, solicitado pelo pai dele para que acompanhasse essas turmas que iam pro Japão. Ele me deu um grande apoio pra tudo, era um camarada que eu podia recorrer a ele pra qualquer coisa.

(...)

Então no momento que eu achei adequado, eu fui conversar com esse Hirai-san e me abri com ele: Não aguento mais! Passei no médico e ele falou que eu tenho alguma coisa e gostaria que você visse isso, se você duvidar, mas um dia você me disse que se eu precisasse mesmo, que eu conversasse com toda sinceridade, e eu tou aqui pra isso, quero que você me ajude a voltar!



(...)

Aí, esse colega meu, que era o outro tradutor, me ajudou muito, e me deu um telefone de uma agência que atendia em português, uma agência de viagem. Então eu já cuidei de ver se tinha vaga para a época em que eu pretendia

voltar, porque era só terminar o mês e no dia seguinte voltar. Ai ele falou: Não, Sérgio! Você precisa de um dia pra dar baixa no visto, devolver a identidade... Ai eu calculei certinho e já pedi a passagem. Eu tinha dinheiro pra pagar à vista; a da vinda, que tava sendo descontada em folha, eles já quitaram e, inclusive, eu tive até um prêmio. Se eu rescindisse o contrato antes dos seis meses eu perderia o direito a esse prêmio, mas eles me deram o prêmio proporcional. Foram bacanas nesse aspecto, isso graças a tradução que o camarada fez lá.

DE VOLTA AO BRASIL

O Japão, todas as árvores, tudo é igual: as ruas são iguais, as avenidas são iguais, casas são iguais!... É tudo assim uma sequência de coisas iguais. Quando floresce a cerejeira, uma vez por ano, e cerejeira tem no Japão inteirinho, então floresce tudo igual! E aqui, eu morria de saudade de ver as quaresmeiras (choro), flores de outra cor sem ser aquela mesma. A primeira vez que a gente vê é uma maravilha, mas chega um ponto de juntar com a saudade e aquilo lá é até triste. Então, a decisão de voltar, os preparativos para o retorno, tudo foi muito alegre. A viagem também foi muito boa, já sentindo no avião comidas brasileiras, ouvindo um pouquinho de inglês, que a gente entende um pouco, no avião; alguma coisa de inglês na televisão que a gente entende bem, e já começamos a ver carne na parada lá nos Estados Unidos,

e assim vai. E a recepção da família foi das mais alegres; estavam minha esposa, meus irmãos, meus filhos, todos no aeroporto me esperando. Os próprios tradutores, na hora de me preparar me disseram: Você não deve ir imediatamente! Nós vamos precisar de um tempo pra pegar teu visto e tudo... e você deve se recuperar ficando no alojamento, comendo bem e descansando mais. Mas eu achava que tava muito recuperado, eu ganhei peso! Da hora que eu decidi voltar até o retorno eu ganhei uns seis quilos e me achava muito bem. Puxa, que beleza, tou ótimo! (choro)... Eu me achava bonito, fiz barba, fui no cabeleireiro e me deixei impecável! Pus a melhor roupa pra descer no aeroporto e achava que eu tava uma maravilha. Foi alegre o retorno e todo mundo me viu. Mas, logo depois os comentários: Coitado! Como que você tá magro! Vai precisar se alimentar muito pra chegar ao que você era! Mas foi tudo uma maravilha. E a saudade é tão grande que você não quer mais largá da família e fica como uma galinha-choca, quase sem iniciativa pra voltar a procurar emprego. E aquilo você começa a deixar pro dia seguinte, embora tivesse trazido dinheiro para poder ficar talvez, no nível que eu tinha, um ano desempregado, mas sabendo que devia recomençar logo, mesmo assim há quase uma perda de iniciativa, até que, graças a Deus, conversando muito com minha esposa, minha terapeuta, pude desabafar um pouco! Era a única pessoa pra quem eu pude contar alguma coisa, mas nunca assim! O sentimento lá dentro, do que se passou, é difícil de expressar! Aquilo que meu pai contava dos valores, que eu ia achar bonito, que ia participar... Puxa, vou participar de uma coisa que meu pai falava, de cerimônias de chá..., mas acabei encontrando tudo diferente, em matéria de organização e tudo o mais.

(...)

Naquela época tava bem mais difícil emprego do que agora. E isso foi em 92, no mesmo ano que fui. Eu voltei em julho e fiquei, praticamente, agosto, setembro..., até o final do ano curtindo a família. É claro, procurando emprego, enviando curriculum, aqueles anúncios raros que apareciam nos jornais, dentro sempre da minha área. Mas se terminasse o ano daquela forma, no ano seguinte eu pegaria qualquer coisa, com salário bem inferior, e foi o que eu fiz. Trabalhei junto com parentes, sendo gerente de pizzeria, um trabalho bem diferente, mas não deu certo, eu não gostava e não era esse o tipo de trabalho que eu procurava. Mas depois apareceu este trabalho no Hospital São Lucas, como chefe do Departamento de Pessoal, que eu peguei firme até hoje. E eu mudei até meus hábitos. Antes, talvez, eu não aguentasse condução, de Campo Limpo até o bairro da Liberdade, pendurado no ônibus! Talvez eu até achasse ruim, mas o Japão me deu pique pra isso, sabe, de suportar uma série de outras coisas, de malhar o corpo. Eu pesava por volta de oitenta, oitenta e cinco quilos, e eu cheguei até a sessenta e três quilos. Hoje tô com setenta e vou ficar nisso porque eu mantenho muita coisa do que meu pai me ensinou de acostumar o corpo e essas coisas. Mas, muita coisa do que é feita lá não vale a pena! Sacrificar um povo a caminho do desenvolvimento descontrolado, sacrificando os valores, não vale a pena! E eu tenho certeza que o próprio japonês, hoje, acha que isso não vale a pena. Se tivessem que recomençar eles não fariam nada disso.